

Marcas de uma década: A automutilação em jovens brasileiros (2015-2024)

Marks of a decade: Self-harm among brazilian youth (2015-2024)

Marcas de una década: La automutilación en jóvenes brasileños (2015-2024)

Álekis Vinicius Araújo Silva¹, Beatriz Martins de Almeida², Gabriel do Vale Matos³, Maria Eduarda Machado Ribeiro Silva⁴, Eduardo Fagner Machado de Pinho⁵

Como citar: Silva AVA, Almeida BM, Matos GV, Silva MEMR, Pinho EFM. Marcas de uma década: A automutilação em jovens brasileiros (2015-2024). REVISA. 2026; 15(Esp.4): 150-56. Doi: <https://doi.org/10.36239/revisa.v15.nEsp4.p150a156>.

REVISA

1. Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Curso de Medicina, Centro de Ciências de Imperatriz (CCIm). <https://orcid.org/0009-0002-5879-2138>

2. Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Curso de Medicina, Centro de Ciências de Imperatriz (CCIm). <https://orcid.org/0009-0009-0854-8904>

3. Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Curso de Medicina, Centro de Ciências de Imperatriz (CCIm). <https://orcid.org/0009-0007-3690-2275>

4. Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Curso de Medicina, Centro de Ciências de Imperatriz (CCIm). <https://orcid.org/0009-0009-6909-650X>

5. Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Faculdade de Ciências da Saúde (FCS), Araguaína. <https://orcid.org/0000-0003-0589-7403?lang=en>

Recebido 27/01/2026

Aprovado: 22/03/2026

RESUMO

Objetivo: A automutilação não suicida (AMNS) é um comportamento de lesões autoprovocadas sem intenção de morte, mais comum na adolescência e associado a depressão, ansiedade e vulnerabilidades sociais. Este estudo teve como objetivo analisar a epidemiologia e os fatores associados à automutilação entre adolescentes no Brasil, entre 2015 e 2024. Trata-se de um estudo retrospectivo utilizando dados do SINAN/DATASUS, incluindo 310.609 registros de adolescentes de 10 a 19 anos. Observou-se aumento progressivo dos casos, com maior concentração no Sudeste e predomínio do sexo feminino, especialmente entre 15 e 19 anos. Entre 10 e 14 anos, os meninos apresentaram maior prevalência, e, quanto à raça/cor, brancos predominaram nos mais jovens e pardos entre os mais velhos. Conclui-se que a automutilação apresentou tendência crescente no Brasil, intensificada durante e após a pandemia de COVID-19, refletindo desigualdades estruturais e reforçando a necessidade de políticas públicas de prevenção e promoção da saúde mental na adolescência.

Palavras-chave: Automutilação; Adolescente; Epidemiologia.

ABSTRACT

Objective: Non-suicidal self-injury (NSSI) is a behavior involving self-inflicted injuries without the intention of death, more common in adolescence and associated with depression, anxiety, and social vulnerabilities. The aim of this study was to analyze the epidemiology and associated factors of self-injury among adolescents in Brazil, between 2015 and 2024. This retrospective study used data from SINAN/DATASUS, including 310,609 records of adolescents aged 10 to 19 years. A progressive increase in cases was observed, with higher concentration in the Southeast and predominance among females, especially those aged 15 to 19 years. Among 10- to 14-year-olds, boys showed higher prevalence, while in terms of race/skin color, white adolescents predominated in younger ages and mixed-race (pardo) individuals among older ones. It is concluded that self-injury among adolescents showed an increasing trend in Brazil, intensified during and after the COVID-19 pandemic, reflecting structural inequalities and reinforcing the need for public policies on prevention and mental health promotion focused on adolescence.

Keywords: Self-harm; Adolescent; Epidemiology.

RESUMEN

Objetivo: La autolesión no suicida (ALNS) es un comportamiento caracterizado por lesiones autoinfligidas sin intención de muerte, más común en la adolescencia y asociado a depresión, ansiedad y vulnerabilidades sociales. El objetivo de este estudio fue analizar la epidemiología y los factores asociados a la autolesión entre adolescentes en Brasil, entre 2015 y 2024. Se trata de un estudio retrospectivo con datos del SINAN/DATASUS, que incluyó 310.609 registros de adolescentes de 10 a 19 años. Se observó un aumento progresivo de los casos, con mayor concentración en el Sudeste y predominio del sexo femenino, especialmente entre 15 y 19 años. En el grupo de 10 a 14 años, los varones presentaron mayor prevalencia; en cuanto a la raza/color de piel, los adolescentes blancos predominan en los más jóvenes, mientras que los pardos fueron mayoría en los mayores. Se concluye que la autolesión en adolescentes mostró una tendencia creciente en Brasil, intensificada durante y después de la pandemia de COVID-19, reflejando desigualdades estructurales y reforzando la necesidad de políticas públicas de prevención y promoción de la salud mental con foco en la adolescencia.

Descriptores: Autolesión; Adolescente; Epidemiología.

ORIGINAL

INTRODUÇÃO

A automutilação não suicida (AMNS) é um comportamento caracterizado pelo ato intencional de causar danos ao próprio corpo, como cortes, arranhões ou queimaduras, sem a intenção de provocar a morte.^{1,2} Diferencia-se, portanto, das tentativas de suicídio pela ausência de desejo consciente de morrer, embora represente um importante fator de risco para o suicídio, já que pode aumentar tanto o desejo quanto a capacidade suicida.^{1,3,4}

Diversos estudos apontam que a ANMS pode cumprir múltiplas funções autorreferidas, incluindo o alívio de sentimentos ou pensamentos negativos, a resolução de dificuldades interpessoais, a indução de estados emocionais positivos, a autopunição e a comunicação de sofrimento.^{1,2} Entre os fatores associados, destacam-se depressão, ansiedade, idade mais jovem e gênero feminino, tanto em populações da comunidade quanto em amostras clínicas.^{1,3}

No Brasil, dados epidemiológicos reforçam a relevância do tema. Um estudo de coorte realizado em um ambulatório psiquiátrico, publicado em 2016, mostrou que, entre os indivíduos com comportamento de automutilação, 30% tinham menos de 18 anos e 85% eram do sexo feminino.³ Além disso, entre 2000 e 2013, a taxa de hospitalização por tentativa de suicídio em indivíduos com nove anos ou mais foi de 5,6 por 100.000 habitantes.³

Embora a AMNS represente uma preocupação de saúde pública significativa, especialmente na adolescência e na idade adulta jovem, nem todos os adolescentes que apresentam esse comportamento buscam ajuda profissional. Essa lacuna dificulta a identificação precoce e o encaminhamento oportuno, comprometendo o alcance das intervenções preventivas.⁴

Diante desse contexto, o objetivo deste estudo foi analisar a epidemiologia e os fatores associados à automutilação entre adolescentes no Brasil, no período de 2015 a 2024.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de investigação epidemiológica, com delineamento retrospectivo e descritivo, fazendo uso de uma abordagem quantitativa, cujo objetivo foi analisar os casos de automutilação entre adolescentes no Brasil, no período compreendido entre 2015 e 2024.

Os dados utilizados foram obtidos por meio do Sistema de Informações de Agravos de Notificação (SINAN), acessado a partir da plataforma TABNET do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). A seleção dos registros baseou-se na classificação de adolescentes definida pela Organização Mundial de Saúde, adotada pelo Ministério da Saúde.

A amostra final totalizou 310.609 casos registrados de violência auto provocados em adolescentes. Foram analisadas as seguintes variáveis: ano de notificação, região geográfica de ocorrência, sexo da vítima, faixa etária (10–14 anos ou 15–19 anos) e raça/cor (branca, preta, parda, amarela, indígena ou ignorada). Ademais, dentro dos filtros disponíveis foram utilizados “Sim” para lesões autoprovocadas e fixando a faixa etária de 10 a 19 anos.

Os dados foram organizados e analisados por intermédio da categorização das variáveis supracitadas em tabelas no software Google Planilhas, por meio da tabulação de dados com o desenvolvimento de um script na plataforma Google Colab, o qual organizou as informações para a planilha ao processar 310.609 linhas de dados e suas respectivas variáveis (em colunas). Por sua vez, a análise estatística foi executada por meio do teste estatístico qui-quadrado, utilizando a plataforma Jamovi (2.6.44), versão Windows 10, com o objetivo de verificar a relação entre as variáveis de análise, com significância de 5%.

RESULTADOS

Ao longo da década analisada, de 2015 a 2024, foram registrados 310.609 casos de lesões autoprovocadas na adolescência (Figura 1), em que o ano de 2023 teve o maior número de notificações (49958 casos) e 2015 o período com menor quantidade (8939 casos).

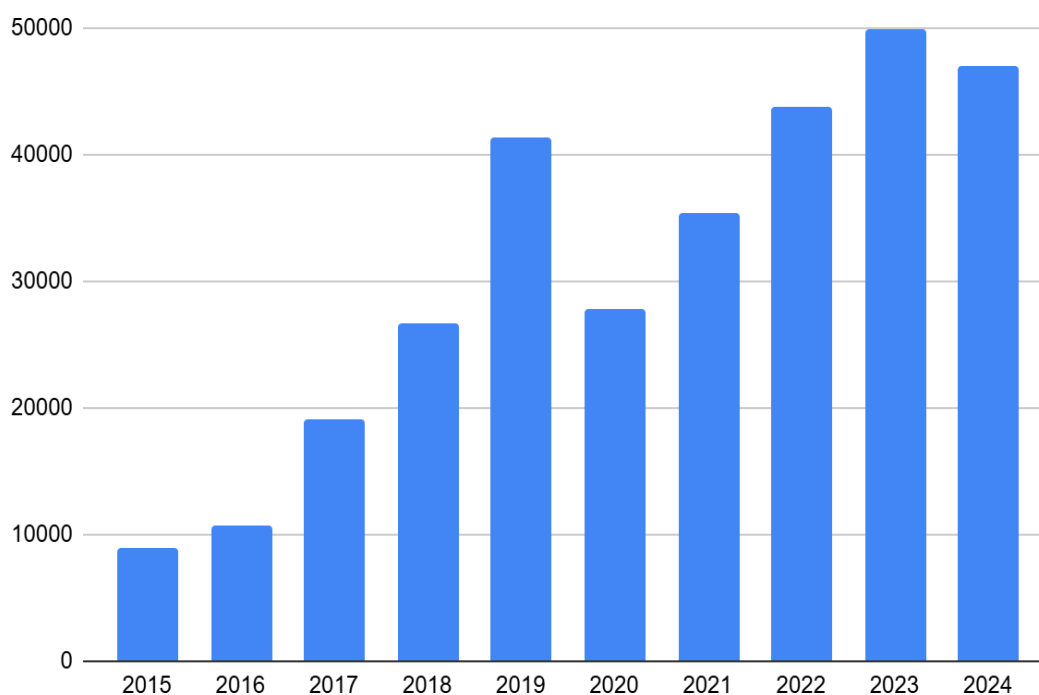


Figura 1 - Distribuição por ano dos casos de lesões autoprovocadas em adolescentes no Brasil no período de 2015 a 2024 (*Fonte: Autores, 2025*)

O Sudeste concentra o maior número de casos (142.157), com o maior crescimento bruto (17.502) no período. O Norte teve a menor quantidade de notificações (15.729), representando apenas 5,1% do total.

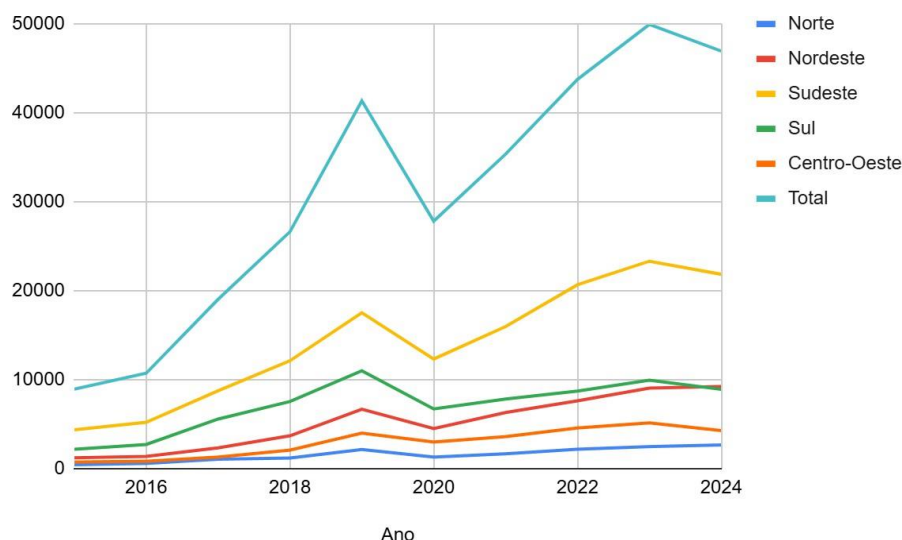


Figura 2

Distribuição por região dos casos de lesões autoprovocadas em adolescentes no Brasil no período de 2015 a 2024 (*Fonte: Autores, 2025*)

Ao comparar o gênero dos adolescentes em relação à faixa etária de notificações de autolesão ($p < 0,01$), observa-se um maior número de casos totais no sexo feminino. No entanto, ao analisar-se as notificações por faixa etária, o sexo masculino predomina entre 10 e 14 anos, com 68781 casos (22,1%). Enquanto, dos 15 aos 19 anos, o sexo feminino apresenta 220987 notificações (71,1%) (Tabela I).

Tabela I - Distribuição do número de casos quanto a classificação da faixa etária versus sexo nas autolesões provocadas por adolescentes no Brasil no período de 2015 a 2024.

Sexo				
Idade	Feminino	Ignorado	Masculino	Total
10 - 14	20785	56	68781	89622
15 - 19	220987	0	0	220987
Total	241772	56	68781	310609

Fonte: Autores, 2025.

Paralelamente, quando correlacionou-se a faixa etária com a etnia ($p < 0,01$), percebeu-se o predomínio de casos entre a população branca, especialmente no intervalo de 10 a 14 anos, cujo total de vítimas foram 89.622, sendo aproximadamente 75% indivíduos brancos (Tabela II). Entretanto, o grupo de 15 a 19 anos contrasta com esse padrão, apresentando uma maior parcela de pacientes pardos ($n = 123.384$).

Tabela II - Distribuição do número de casos quanto a classificação da faixa etária comparada à etnia em casos de autolesões provocadas por adolescentes no Brasil no período de 2015 a 2024.

Raça							
Idade	Amarelo	Branco	Ignorado	Indígena	Pardo	Preto	Total
10 - 14	0	67094	22528	0	0	0	89622
15 - 19	2898	72479	0	2570	123384	19656	220987
Total	2898	139573	22528	2570	123384	19656	310609

Fonte: Autores, 2025.

DISCUSSÃO

Inicialmente, é importante entender que o aumento do número de casos de autoflagelo entre adolescentes no Brasil entre 2020 e 2023, apresenta uma forte relação com a pandemia de COVID-19. Isso se dá em razão do isolamento social, que acarretou: ruptura escolar, conflitos familiares e menor acesso à cuidados em saúde mental, fragilizando ainda mais os jovens. Nesse sentido, o ano de 2023 apresentou um pico expressivo de casos, refletindo tanto a vulnerabilidade acumulada ao longo da pandemia quanto a exposição apoiada a estressores no período pós-pandêmico.⁵

Já quando se toma como foco a distribuição espacial, a região Sudeste concentra o maior índice de violência auto provocada entre adolescentes por possuir a maior densidade populacional do país, com grandes centros urbanos que naturalmente elevam o número absoluto de registros.⁶ A região possui serviços de saúde mais estruturados e rede de notificação mais eficiente, acarretando uma maior detecção em comparação a áreas com grande subnotificação. Ademais, os fatores psicossociais ligados ao contexto urbano, como desigualdade, violência, pressão escolar e estresse, também contribuem para a maior vulnerabilidade dos jovens. Somado a isso, o Sudeste foi a região brasileira do epicentro da pandemia de COVID-19, com restrições prolongadas e forte impacto não só sobre a vida familiar como a escolar, o que ocasionou o aumento expressivo de seus casos após o ano de 2020.⁷

Outrossim, a maior tendência das meninas a comportamentos de automutilação não suicida, sobretudo na adolescência média e tardia, se explica por esse ser um momento no qual há maior prevalência de transtornos depressivos, ansiosos, impacto da imagem corporal e influência de redes sociais, fatores que se associam à internalização do sofrimento e ao uso da automutilação como estratégia de regulação emocional.⁸ Já a predominância masculina entre 10 e 14 anos pode ser explicada pelo início mais precoce de comportamentos impulsivos, maior prevalência de transtornos externalizantes, dificuldades de regulação emocional, além de maior exposição a situações de violência e bullying, sugerindo que a automutilação nessa faixa etária masculina esteja mais relacionada a impulsividade aguda do que a quadros depressivos estruturados.⁹

Além disso, a distribuição racial não reflete uma maior vulnerabilidade biológica, mas sim desigualdades estruturais no Brasil: adolescentes de 10 a 14 anos brancos estão mais concentrados em regiões com maior disponibilidade de serviços de saúde mental e vigilância epidemiológica, o que favorece a identificação precoce e a consequente notificação.⁶ Por outro lado, adolescentes pardos e negros, frequentemente expostos a barreiras de acesso, racismo estrutural e maior vulnerabilidade socioeconômica, tendem a ser notificados em idade mais avançada, quando o sofrimento psíquico se intensifica e o risco de autolesão se torna mais visível.¹⁰

CONCLUSÃO

Os resultados do perfil epidemiológico das lesões autoprovocadas em adolescentes infantis no Brasil permitiram concluir que houve oscilação da incidência desses casos entre 2015 e 2024, apresentando um aumento expressivo no intervalo entre 2020 e 2023, refletindo um fenômeno multifatorial, no qual a pandemia de COVID-19 atuou como catalisador de vulnerabilidades pré-existentes. A região Sudeste apresentou os maiores índices, o que demonstra tanto o peso dos determinantes urbanos, quanto a maior capacidade de detecção decorrente de uma rede de saúde estruturada. Além disso, no recorte por sexo e faixa etária, são evidenciados diferentes padrões de risco, com meninas mais suscetíveis a comportamentos de automutilação associados à internalização do sofrimento e meninos a condutas impulsivas, sobretudo na adolescência precoce. Em relação à frequência por raça, a prevalência de brancos no início da adolescência e pardos no final expõe o impacto das desigualdades estruturais brasileiras, visto que barreiras de acesso e racismo institucional retardam a identificação e o cuidado adequado dos indivíduos pardos e negros.

Dessa forma, ante ao exposto, percebe-se a necessidade de um fortalecimento de políticas públicas integradas que ampliem o acesso à saúde mental, promovam ações de prevenção tanto nas escolas como nas comunidades e reduzam desigualdades territoriais ou raciais. Ademais, somente por meio de uma abordagem multissetorial e sensível às especificidades da adolescência, será possível conter o avanço dos casos de automutilação e oferecer condições para um desenvolvimento mais saudável e igualitário aos jovens brasileiros.

REFERÊNCIAS

1. Poudel A, Lamichhane A, Magar KR, Khanal GP. Non suicidal self injury and suicidal behavior among adolescents: co-occurrence and associated risk factors. *BMC Psychiatry*. 2022 Feb 9;22(1):96. doi: 10.1186/s12888-022-03763-z. PMID: 35139825; PMCID: PMC8827284
2. Moreira ÉS, Vale RRMD, Caixeta CC, Teixeira RAG. Automutilação em adolescentes: revisão integrativa da literatura [Self-mutilation among adolescents: an integrative review of the literature]. *Cien Saude Colet*. 2020 Oct;25(10):3945-3954. Portuguese. doi: 10.1590/1413-812320202510.31362018. Epub 2019 Jan 24. PMID: 32997026.
3. Pinheiro TP, Warmling D, Coelho EBS. Characterization of suicide attempts and self-harm by adolescents and adults notified in Santa Catarina, Brazil, 2014-2018. *Epidemiol Serv Saude*. 2021 Dec 3;30(4):e2021337. English, Portuguese. doi: 10.1590/S1679-49742021000400026. PMID: 34878004.
4. Costa RPO, Peixoto ALRP, Lucas CCA, Falcão DN, Farias JTDS, Viana LFP, Pereira MAA, Sandes MLB, Lopes TB, Mousinho KC, Trindade-Filho EM. Profile of non-suicidal self-injury in adolescents: interface with impulsiveness and loneliness. *J Pediatr (Rio J)*. 2021 Mar-Apr;97(2):184-190. doi:

- 10.1016/j.jped.2020.01.006. Epub 2020 Mar 6. PMID: 32151605; PMCID: PMC9432040
5. SANTOS, O. V. et al. Violência autoprovocada nos dois anos de maior restrição da pandemia de COVID-19: estudo transversal. *Revista Brasileira de Enfermagem*, São Paulo, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/KWHhnXkGvqjFF9ZfQ9SbMSQ/?lang=pt>. Acesso em: 20 ago. 2025.
 6. IBGE. Censo demográfico 2022: resultados gerais da população. Rio de Janeiro: IBGE; 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/>. Acesso em: 21 ago. 2025.
 7. REZENDE, M. et al. A pandemia de Covid-19 e seus entrelaçamentos com desigualdade de gênero, insegurança alimentar e apoio social na América Latina. *Interface (Botucatu)*, v. 25, supl. 1, e200651, 2021. DOI: 10.1590/interface.200651. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.200651> Acesso em: 20 ago. 2025.
 8. Moloney F, Amini J, Sinyor M, Schaffer A, Lanctôt KL, Mitchell RHB. Sex Differences in the Global Prevalence of Nonsuicidal Self-Injury in Adolescents: A Meta-Analysis. *JAMA Netw Open*. 2024 Jun 3;7(6):e2415436. doi: 10.1001/jamanetworkopen.2024.15436. PMID: 38874927; PMCID: PMC11179134.
 9. Lockwood J, Daley D, Townsend E, Sayal K. Impulsivity and self-harm in adolescence: a systematic review. *Eur Child Adolesc Psychiatry*. 2017 Apr;26(4):387-402. doi: 10.1007/s00787-016-0915-5. Epub 2016 Nov 5. PMID: 27815757; PMCID: PMC5364241.
 10. BARROS, Sônia et al. Atenção à Saúde Mental de crianças e adolescentes negros e o racismo. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 26, p. e210525, 2022

Autor de correspondência

Álekis Vinicius Araújo Silva
Rua Rui Barbosa, N° 507, Vila Lobão, CEP: 65910-265,
Imperatriz, Maranhão, Brasil
alekis.vinicius@discente.ufma.br